Do inumano ao humano em "O Apocalipse dos Trabalhadores": o amor de Andriy por Quitéria

Sabrina de Paiva Bento Queiroz[1]

Maria Aparecida da Costa[2]

INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisamos, no romance *O apocalipse dos trabalhadores* (2008), a relação amorosa das personagens Quitéria e Andriy, tendo em vista o processo de desumanização vivido por ele, em Portugal, devido a sua necessidade de se tornar um homem-máquina, como garantia de sua sobrevivência. Nesse seu processo de desumanização, Andriy encontra Quitéria, por quem se apaixona, embora queira negar esse sentimento para se dedicar exclusivamente ao trabalho, ignorando qualquer institucionalização amorosa, por precisa manter os pais financeiramente na Ucrânia.

Ao imigrar para Portugal, Andriy se depara com uma situação muito diferente do que ele e os pais imaginavam, pois se faltava emprego digno e salários bem remunerados para os portugueses, imagine para imigrantes do Leste Europeu como ele. De toda maneira, Andriy consegue um emprego, mas esquece tudo que possa tirar a sua atenção e distraí-lo, inclusive o amor. O capitalismo exige um desempenho maior da personagem para produzir e manter o sistema, consequentemente, explora corpo, alma e afetos. Andriy não sabe receber cuidado, carinho, pois seu foco maior é o trabalho:

> sem roupa, ele ficava amplamente branco, de mãos e cabeça cor-de- rosa como um cómico. um boneco que desse vontade de rir, embora o seu semblante estivesse carregado e os seus lábios incapazes de relaxarem [...] o rapaz endurecia seus modos com ela, [...] as chuvas de abril eram mil e ele seguia completo e inoxidável perante qualquer risco de constipação ou ferrugem. até ali, seus pais estariam a completar quase dois meses na falta de notícias (Mãe, 2017, p. 105- 106).

Percebemos, a partir desse recorte, que Andriy é incapaz de relaxar e de se sentir à vontade ao se relacionar com uma mulher, justamente para não ter problemas no seu processo de mutação para máquina. Também assim parece agir sua amante. Os dois se relacionam, mas

[1] Mestra pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: sabrinacapuern@gmail.com

[2]Professora de Literatura Luso-Brasileira na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Email: cidaminas@hotmail.com

a princípio Quitéria se encontrava com ele apenas interessada em sua beleza. Ambos só mantêm encontros casuais para suprirem o desejo carnal, porém quando compartilham os assuntos mais íntimos como o medo, as dificuldades, a saudade, inclusive os pertences, como a casa e a cama, acontece o ápice da relação amorosa entre os dois: "tombado na cama permaneceu horas inerte e sem solução, como abandonado ao cuidado [...] e ela sossegou a casa como pôde, era preciso que ele ficasse como num seu lugar. confortável. cuidado" (Mãe, 2017, p. 108-109). Nessa aproximação mais íntima das personagens, Andriy aos poucos deixa o seu processo de homem-máquina de lado e começa a se render ao amor por Quitéria.

QUITÉRIA E UM IMIGRANTE À REVELIA DO SENTIMENTO AMOROSO

Nos anos 2000, ocorreu uma massiva migração de pessoas do Leste da Europa para Portugal. A mão-de-obra na construção civil foi o apogeu para a entrada de imigrantes vindos da Ucrânia para o país. De acordo com Maria Baganha, José Carlos e Pedro Góis (2004), muitos desses imigrantes ucranianos tiveram o auxílio de agências de viagens, uma facilidade a mais para ingressar no país e conseguir oportunidade de trabalho. Isso justifica o olhar atento de Valter Hugo Mãe ao criar personagens nessa condição, principalmente, porque percebemos que Andriy chega em Portugal devido a essa facilidade em comprar passagens com o preço acessível.

É nesse contexto que a história da personagem Andriy se ancora em *O apocalipse dos trabalhadores* (2008). Essa tentativa de transformação da personagem em homem-máquina se dá também pela dificuldade de conviver com portugueses e com a língua no novo país. Do ponto de vista do narrador, cada vez mais ele se tornava frio como uma máquina, já que não tinha contato cotidiano com as pessoas. Seus pais não sabem o que Andriy sofre em Portugal porque a imagem criada por eles sobre o país é esta:

> [...] portugal é um país bonito, sasha, perguntou a mulher. claro que sim, é lindo. sabes, são lindos todos os países com um povo delicado, e em portugal, amor, fizeram uma revolução com flores. tens a certeza. absoluta. puseram flores nas armas e conquistaram a liberdade. (Mãe, 2017, p. 93).

Observamos no diálogo como os pais falam da libertação de Portugal depois de quarenta e oito anos de ditadura. Esse estereótipo da delicadeza que os pais de Andriy

possuem do país se dá, justamente, pela imagem construída a partir da Revolução dos Cravos (24 de abril de 1974). Essa metáfora de uma libertação por meio de flores faz com que os pais de Andriy pensem num povo pacífico e receptivo. No entanto, Andriy se depara com o oposto disso, pois sobre ele recai o estigma de ser um estrangeiro e a ausência de trabalho mais digno e bem remunerado. É o drama familiar vivenciado por Andriy, em Portugal, e por seus pais, na Ucrânia, que ratifica o porquê de sair do país:

> precisava de criar melhores condições de vida, fugir à miséria da ucrânia, mas fora-se embora sobretudo pela sua própria sanidade, sonhando ser um jovem minimamente normal, ocupado com a sobrevivência a partir de uma fome menos louca, uma fome física e nunca mental. o andriy dizia-lhe, aqui vamos ter sempre uma fome mental, somos um país esfaimado dentro da cabeça. a grande fome ucraniana não acabou. eu quero comer. eu quero comer (Mãe, 2013, p. 91-92).

O narrador tece críticas a respeito do país ucraniano sobre possuir uma fome em todos os sentidos, denotanto, pois, uma crise política e social; como bem visto na personagem Andriy, que luta pela sua sanidade, mesmo que isso implique um esílio de sua terra natal. Precisou se mudar para um lugar em que pudesse, pelo menos, ter acesso à comida e condições de se manter minimamente humano. O direito de fugir desse lugar caótico evoca múltiplas conotações, pois ao emigrar, a personagem se depara com a aventura, a descoberta, novas formas de se relacionar com o outro, mas também existe, no meio do caminho, as frustrações e o declínio. Por outro lado, a personagem Quitéria gosta de se relacionar com os imigrantes jovens vindos do Leste Europeu como Andriy.

Em um de seus encontros, por estar muito preocupado com a família, Andriy não consegue satisfazer sexualmente Quitéria e isso causa raiva na diarista. Sendo Quitéria uma das poucas pessoas que o entende, pela construção sintática mal elaborada, Andriy confessa o motivo de sua tristeza com um "eu não estar feliz, meu pai doente e minha mãe com maldade na ucrânia. eu penso nisso e não tem pensar outra coisa" (Mãe, 2017, p. 53). Logo percebemos que um elo afetivo é criado entre eles, embora ambos se mostrem contrários a viverem esse relacionamento amoroso. Contudo, na relação de Andriy e Quitéria há uma gradação do sentimento amoroso, o amor entre eles muda de fase à medida que se encontram e vão estreitando as relações de uma forma mais geral, não só sexual. Primeiro, tem a realização do prazer sexual, depois a recusa para desfrutar desse amor, e, por fim, ambos se rendem ao sentimento amoroso.

A principio, o narrador afirma que Quitéria não sentia paixão por Andriy, apenas desejo, como mostra o recorte:

> a quitéria não sentia qualquer paixão pelo andriy, não sentiria nada senão desejo, e a beleza dele, no esplendor dos seus vinte e três anos, era ofuscante para as necessidades sexuais que com ele satisfazia. era isso. era apenas isso, um homem jovem, forte, ávido, profundamente belo, que ela recebia para [...] enlouquecer de prazer (Mãe, 2017, p. 60).

A passagem acima ratifica que Quitéria mantém esses encontros devido a aparência de Andriy e para satisfazer os desejos do seu corpo, assumindo que recebia o jovem em casa com um único propósito: "enlouquecer de prazer" e nada além desses encontros casuais surgiriam entre os dois. Para Andriy, se apaixonar por Quitéria seria, também, um modo de tirá-lo do foco e ao se aproximar da portuguesa poderia esquecer o trabalho e não conseguir juntar o dinheiro que precisava. Ele não permitiria ser desmotivado por nada, como o excerto aponta:

> haveria de ter a quitéria as vezes que quisesse, mas nunca permitiria que isso o demovesse da progressiva metalização do seu corpo. via- se como platinado, robótico, uma força incrível e os sentidos alerta como seria impossível para uma cabeça só orgânica. nem por um momento julgou interessado na mulher além do sexo (Mãe, 2017, p. 83).

Percebemos que Andriy tenta fugir da aproximação íntima porque teme não desempenhar, com sucesso, o papel imposto pelo sistema capitalista e ser condenado a retornar ao destino do qual busca fugir, objetivo traçado desde quando trocou o país de origem por Portugal. Andriy quer, a todo momento, resistir ao sentimento amoroso, bem como se afastar de uma possível paixão amorosa por Quitéria. Seu desejo é ser a representação do sujeito indiferente, à revelia de qualquer tipo de relacionamento amoroso. Desejando esquecer a portuguesa e encontrar algo que o impedisse de se apaixonar por ela, de modo que "ficava calado de chumbo a querer empedernir para secar todos os sentimentos, esquecia-se de ser emocionado, [...] que a vida podia existir apenas para uma máquina de trabalho perfeita" [...] (Mãe, 2017, p. 57-58).

Diante disso, podemos perceber a vontade que o imigrante tinha de se transformar em pedra, pois assim se tornaria cada vez mais insensível para os sentimentos amorosos e isso impulsionaria a sua desumanização. Era esse o projeto de Andriy: ignorar tudo à sua volta, conseguir um emprego e pensar apenas em ajudar os pais, sem dramatizar a situação, porque ao pensar no amor que sente por Quitéria, sentia que perdia seu tempo com futilidades.

Segundo o filósofo Anthony Giddens (1993), o amor apaixonado é colocado à parte diante das urgências cotidianas. O envolvimento emocional se torna invasivo, pois pode levar o indivíduo a ignorar suas obrigações do dia a dia. Esse sentimento amoroso é especificamente perturbador das relações pessoais, tendo em vista que pode gerar sacrifícios e decisões radicais, como por exemplo, se dedicar somente a ele para manter a relação amorosa. Diante disso, o que se tem é o adiamento da paixão, uma vez que, é um sentimento que desrespeita os desejos do homem, a paixão amorosa não se deixa dominar por nada e enem ninguém, como observamos a partir das personagens estudadas no romance de Valter Hugo Mãe. Ademais, nesse contexto, os relacionamentos amorosos estão para além dos contratos sociais, ou seja, não é necessário ter uma assinatura no cartório, ou a bênção de um padre para que o homem ou a mulher saiam e se relacionem sexualmente.

Para além das questões instrinsicas sobre o amor/paixão, o filósofo Zygmunt Bauman (2004), afirma que, viver um relacionamento no mundo moderno, é um investimento em que os amantes se arriscam lucrar ou perder, esperando "[...] que aquilo que perdeu ou deixou de desfrutar acabaria, de alguma forma, sendo-lhe devolvido" (Bauman, 2004, p. 36). Isso é, estar em um relacionamento é sobretudo uma incerteza permanente, pois não se pode estar seguro daquilo que se faz por não existir garantia alguma, se o evolvimento terminará bem ou mal, certo ou errado, inclusive fazer o relacionamento durar demanda tempo, cuidado, zelo, e na sociedade de consumo não há ocasião para isso.

Em se tratando do texto literário, Dennis de Rougemont (1988), aponta que, sem entraves não há "romance", inclusive não se ama o objeto amoroso, mas as variações, as impossibilidades que o relacionamento sucita. Da mesma maneira, de acordo com Costa (2015), é a presença ausente do amor Eros que sustenta as idealizações amorosas, significando dizer que desejar e não ter o objeto amoroso faz dele ainda mais almejado.

Voltando ao *Apocalipse dos trabalhadores*, entendemos que envolvimento emocional entre Quitéria e Andriy foge ao controle deles, e o processo de metalização começa a apresentar sinais de falha: "a máquina avariou-se gravemente. rigorosamente, começou a estrebuchar como por falta de combustível, o barulho gutural e intenso, depois de um esticão mais longo e muito breve até ficar imóvel" (Mãe, 2017, p. 108). No recorte, percebemos a falha mecânica que o colocava diante de Quitéria como humano perpassado de medo e vulnerabilidade. Ele começa a se tornar dependente e, "numa quebra de tudo" (Mãe, 2017, p. 109), passa a confiar em Quitéria como nos mostra o seguinte recorte:

> e ela pôr-se num cadeirão observando-o pacificamente a dar-lhe tempo [...] o amor, tão mal explicado, podia ser todo definido assim. por tão improvável que fosse tal modo de exercer, o amor já era assim, era aquilo, e o andriy não renegou, tão avariada máquina, permanecendo à mercê daquela mulher, e pela primeira vez na sua vida, a noite inteira (Mãe, 2017, p. 109).

A passagem acima exemplifica como a personagem ucraniana se entrega pela primeira vez ao amor. A avaria da máquina é a humanização do homem que se entrega, pela primeira vez, aos cuidados de quem ele não queria manter uma relação amorosa. De forma contraditória, sem esperar, os dois assumem o relacionamento. A solidão sentida por Andriy significa que estaria deixando o ser mecânico, pois antes, sentimentos como esse eram evitados por ele. Ao se encontrar e voltar a conviver com Quitéria, o ucraniano não renega, mas busca se entregar ao sentimento amoroso.

Podemos inferir que o amor é sagaz porque, como afirma Cristina Nehring (2012), "ele não pula onde é mandado; nem atira onde alguém marcou um "X" (Nehring, 2012, p. 83). As regras são colocadas para ele e são quebradas no mesmo instante, pois, por vezes, o amor assume o caráter de transgressão, ou seja, o sujeito amoroso é atraído para a pessoa a quem ele considera inadequada. Nesse caso, fica evidente que:

> É para a pessoa inadequada que somos atraídos de forma irresistível. É a escolha transgressora, não a escolha pretendida pela qual somos aplaudidos por pais, protetores, autoridades e simpatizantes, que nos atrai visceralmente. É possível que, em diversos momentos, abracemos partidos de conveniência e razão, mas nossos instintos nos conduzem irreversivelmente para a inconveniência, para o irracional, para o não aprovado (Nehring, 2012, p. 84).

Destarte, não somos nós que escolhemos a quem amamos, pois o sentimento amoroso tem a capacidade de pegar os sujeitos de surpresa. Sendo assim, é o amor que causa essa escolha transgressora, porque o sujeito é de fato por ele atraído, por ele envolvido independendo de seu querer e de suas regras e paradoxos. No romance em análise, essa transgressão acontece porque Andriy se nega, muitas vezes, a se apaixonar por Quitéria, mas não consegue. É justamente o sentimento amoroso que recupera o homem que foi mecanizado e estava indiferente para as questões amorosas. Dessa forma, com a personagem Andriy, de *O apocalipse dos trabalhadores* (2008), se tem a quebra de expectativa em relação ao construído como controle do seu interesse: seu corpo maquinal não o conduzia mais para a produtividade e estava perdendo as forças, pois assumiria, seu amor por Quitéria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance estudado, o sentimento amoroso evidencia a sua forma de conduzir e domar o sujeito posto em causa. Observamos que as personagens, mesmo perante a exclusão social, buscam a paz e a felicidade, até em meio aos destroços presentes em suas vidas. O par amoroso Andriy e Quitéria, mesmo vivendo de modo sofrido e difícil, sem grandes regalias, compartilham e experienciam o sentimento amoroso, negando e ao final deixando se levar por ele. A diarista reconcilia Andriy com a sua humanidade, tendo em vista que ela possibilita a reaproximação com sua origem, seus pais e sua pátria. Isto posto, entendemos que não é somente a mulher que vivencia o sentimento amoroso, como os rótulos sociais denominam, o homem também experimenta e vivencia o amor Eros, mesmo que busque fugir dele. Nesse sentido, todas as considerações expostas apontam, mais uma vez, para o quanto o sentimento amoroso é paradoxal

Em *O apocalipse dos trabalhadores* (2008), observamos como se dá a construção das personagens Andriy e Quitéria, a partir do sentimento amoroso. É por meio do amor que Quitéria guarda dinheiro e se sacrifica para ajudar Andriy a vencer a pobreza. Da mesma forma, o ucraniano se desfez do seu processo de desumanização, através da sua mutação para homem-máquina, para viver essa relação amorosa com Quitéria. Diante disso, entendemos que o amor não se constitui de modo individual, pois é a reciprocidade entre as duas personagens que levou o relacionamento amoroso a alcançar a consumação completa. Andriy e Quitéria quebram o paradigma de que é preciso a confirmação de uma instituição para que se tenha uma relação amorosa consistente e duradoura.

A transformação de Andriy acontece pelo amor que Quitéria irradia para ele, ao recebê-lo em sua casa; quando Quitéria estende a mão para Andriy, se restabelece o vínculo emocional entre eles e a personagem passa a esquecer do seu propósito capitalista de somente conquistar bens e riqueza. Ambos decidem compartilhar e viver o sentimento amoroso, mesmo estando em uma realidade de grande escassez econômica. Além disso, ao perder a mecanicidade do corpo, Andriy consegue ver a essência das coisas e a infinita dimensão do amor.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAGANHA, Maria Ioannis; MARQUES, José Carlos; GÓIS, Pedro. Novas migrações, novos desafios: a imigração do leste europeu. In: Revista Crítica de Ciências Sociais. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Cidade, v., n.º 69, 1-22, outubro de 2004. Disponível em: http://journals.openedition.org/rccs/1340 Acesso em: 17 jan. 2023.

COSTA, Maria Aparecida da. A paz tensa da chama fugaz: a configuração do amor no romance contemporâneo, Lygia Fagundes Telles e Lídia Jorge. Natal: EDUFRN, 2015.

GIDDENS, Anthony. Transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

MÃE, Valter Hugo. O apocalipse dos trabalhadores. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

NEHRING, Cristina. Em defesa do amor. Tradução de Fátima Santos. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012

ROUGEMONT, Denis de. O amor e o ocidente. Tradução de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.